



Enrique Lorenzo viu frustrada sua carreira de jogador de futebol profissional quando, num safári, um rinoceronte sentou-se em cima de seus joelhos. Agora ele se dedica temporariamente às ilustrações, enquanto espera que lhe transplatem as pernas do Messi.



Roberto Santiago tinha treze anos quando ganhou uma medalha com o time de futebol de sua escola, o San Agustín. Mais tarde, escreveu muitos livros e dirigiu alguns filmes, mas ainda sonha com aquela condecoração e os amigos da época, por isso escreveu *Os Futebolíssimos*.



A GRANDE EXPOSIÇÃO MUNDIAL "TESOUROS DO EGITO ANTIGO" CHEGA A SEVILHOTA!

TODA POPULAÇÃO VAI AO EVENTO.



PORÉM, NO DIA DA INAUGURAÇÃO, ACONTECE ALGO INACREDITÁVEL, IMPENSÁVEL, IMPOSSÍVEL...

A JOIA MAIS VALIOSA DO ACERVO É ROUBADA DIANTE DE TODOS.

PARA COMPLETAR, O SOTO ALTO ESTÁ A PONTO DE ACABAR POR FALTA DE DINHEIRO.

SERÁ QUE ISSO TEM A VER COM O ROUBO?



UM NOVO MISTÉRIO PARA OS FUTEVOLÍSSIMOS!

196526
ISBN 978-85-418-2571-9



9 788541 825719

5 Roberto Santiago

OS FUTEVOLÍSSIMOS

O MISTÉRIO DO ROUBO IMPOSSÍVEL



OS FUTEVOLÍSSIMOS

O MISTÉRIO DO ROUBO IMPOSSÍVEL

Roberto Santiago



Ilustrações Enrique Lorenzo
Tradução Alexandre Agabiti Fernandez



OS FUTEBOLÍSSIMOS

O MISTÉRIO DO ROUBO IMPOSSÍVEL

Roberto Santiago

Ilustrações de Enrique Lorenzo

Tradução Alexandre Agabiti Fernandez



Título original: *Los Futbolísimos: El misterio del robo imposible*
© Roberto Santiago, 2014 (texto) e Enrique Lorenzo, 2014 (ilustrações)
© Ediciones SM, 2014
Impresores, 2
Parque Empresarial Prado del Espino
28660 Boadilla del Monte (Madri)
www.grupo-sm.com

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos e Olívia Lima
Preparação: Marcia Menin
Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar e Fernanda do Val
Caligrafia: Robson Mereu
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santiago, Roberto
Os Futebolísimos : o mistério do roubo
impossível / Roberto Santiago ; ilustrações Enrique
Lorenzo ; tradução Alexandre Agabiti Fernandez. --
São Paulo : Edições SM, 2019.

Título original: Los Futbolísimos : El misterio
del robo imposible
ISBN 978-85-418-2571-9

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Lorenzo,
Enrique. II. Título.

19-29140

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

1ª edição abril de 2020

Todos os direitos reservados à
SM EDUCAÇÃO
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 2111-7400
www.grupo-sm.com/br





1



Meu nome é Francisco Garcia Casas, mas todo mundo me chama de Canela. Tenho onze anos e estou escondido dentro de um armário.

Olhando pela fechadura.

É de madrugada e tudo está completamente às escuras.

Estou tão nervoso que por um momento até esqueci que tenho medo do escuro.

Não estou sozinho. No armário estão meus melhores amigos: Camunhas, Aflito e Helena.

E também Greta, com quem estou de mãos dadas.

Greta é uma menina nova da minha escola.

Ela está com tanto medo quanto eu.
Se pegarem a gente, vamos ter muitos problemas.
Talvez nos deixem trancados em casa o ano todo.
Ou nos expulsem da escola.
Ou então algo ainda pior, se a pessoa de quem nos es-
condemos fez o que achamos que fez.
Ficamos vários dias investigando.
E nós estamos prestes a descobrir uma coisa muito
importante.
Ouvimos seus passos se aproximando pelo corredor.
Lentamente.
De repente, para na porta do quarto.
Dá para ouvir sua respiração.
Bem perto de nós.



A porta se abre e as dobradiças produzem um barulho que faz a gente tremer no armário.

Está dentro do quarto.

Caminha até onde estamos escondidos.

Percebemos um pequeno ruído.

E vem de dentro do armário.

Quem está ali no quarto também deve tê-lo ouvido, porque os passos param de repente.

Depois continuam.

Muito devagar.

Ouvimos o rangido do assoalho.

Eu me aproximo da fechadura e olho através dela.

A luz da lua está entrando pela janela e não consigo enxergar muito bem.





Apenas uns sapatos pretos, que giram sobre si mesmos.

A pessoa parece examinar o quarto.

Está procurando a gente?

Eu me viro para Aflito. Ele está com tanto medo que seus joelhos não param de bater um no outro.

Faço um gesto para que ele não se mexa. Mas ele responde com outro gesto, como se dissesse: “Não posso evitar”.

Helena coloca a mão em um dos seus joelhos e interrompe o ruído.

Não ouvimos mais os passos.

Foi embora?

O que aconteceu?

Lentamente, volto a me aproximar da fechadura.

Observo através dela com atenção.

Não há mais ninguém no quarto.

Então a porta do armário se abre de repente...

... e todos nós gritamos.



2



Grande exposição mundial:
"Tesouros do Egito Antigo".
De 15 a 30 de janeiro, em Sevilhota.
O tesouro da rainha do Nilo.
A câmara do faraó.
As joias da rainha-faraó.
O segredo dos hieróglifos.
As múmias e seus sarcófagos.
Os mistérios escondidos são revelados.
Durante apenas duas semanas.

“Tesouros do Egito Antigo” é uma exposição que está percorrendo o mundo inteiro.

E agora estará na nossa cidade.

Virá gente de todos os lugares para vê-la.

— É o evento mais importante que já aconteceu em Sevilhota — disse Anita, a goleira reserva do nosso time, que de vez em quando é bem astuta.

Todos nós olhamos para ela.

Estávamos no portão da escola.

Era 8 de janeiro.

Primeiro dia de aula depois das férias de fim de ano.

O dia do “Eu ganhei...”.

— Eu ganhei chuteiras novas — começou Marilyn, a capitã do time, que tem que trocar as chuteiras a cada seis meses porque corre muito nos jogos e elas logo ficam gastas.

— Eu ganhei um cachorro — contou Oito. — Um labrador preto superesperto.

— Como você sabe se ele é esperto ou estúpido, se é um cachorro? — perguntou Toni. — Eu tive um cachorro muito esquisito que latia para a gente, mas lambia as mãos dos estranhos e agitava o rabo para eles.

— Ele tem sete meses e é muito esperto — eu disse, pois um dia antes tinha brincado com Oito e seu labrador. Na real, o cachorro não me pareceu nem muito esperto, nem muito estúpido, apenas normal, só que eu não queria dar razão ao Toni.

— Os labradores são os cachorros que guiam os cegos

e também os policiais — explicou Oito. — São superespertos e resolvem um montão de crimes. Todo mundo sabe disso.

— Pra mim, os cachorros... — suspirou Aflito.

— Eu ganhei uma roupa de treino nova — interrompeu Tomás. — A outra ficou pequena. É que dei uma esticada...

— Você já tá usando a roupa nova, então não precisava dizer — retrucou Camunhas.

— É que talvez vocês não tivessem percebido...

— Ainda tá com a etiqueta! — exclamou Oito, arrancando-a com um puxão.

— Bem, eu... ganhei ingressos para a exposição do Egito — disse Anita.

Depois não se falou de outra coisa.

— Dizem que vai ter múmias, sarcófagos e um monte de objetos egípcios, e até o tesouro da tumba de uma rainha ...

— Hatshepsut II — informou Anita, que parecia ter estudado muito todos os detalhes da exposição.

— Dizem que no tesouro tem um monte de peças únicas: uma coroa da rainha-faraó, o cetro, gargantilhas, colares, anéis... Tem de tudo.

— A exposição só vai durar quinze dias.

— Porque é itinerante — comentou Toni, como se soubesse do que estava falando.

— Dessas exposições que vão de um lugar para outro — explicou Camunhas.



O prefeito de Sevilhota, que se chama Gustavo Ferrada, tinha passado um tempão negociando para que a exposição ficasse por quinze dias na nossa cidade.

Viria gente de todos os lugares para vê-la.

— Meu pai diz que vão trazer múmias de verdade! — continuou Camunhas.

— Vocês acham que elas vão acordar à noite e fugir pela cidade, matando gente? — perguntou Aflito.

— Esses são os zumbis — respondi.

— Uma múmia é um zumbi, não é? Um morto que se levanta — falou Tomás.

— Então um vampiro também é um zumbi — deduziu Camunhas.

— E um lobisomem...



— Não, o lobisomem não está morto. O homem só se transforma em lobo quando...

— Vamos parar com essas bobagens sobre lobisomens e zumbis? — cortou Anita. — Vão trazer as joias da rainha-faraó Hatshepsut II para a nossa cidade! Parece que o colar dela era o mais incrível de toda a Antiguidade!

— Rainha-faraó Hatshepsut II — disse Helena. — Soa bem.

— Dizem que vai ser como entrar numa pirâmide... — emendou Oito.

— Dizem que as joias valem um montão de dinheiro...

— Dizem que virão reforços da polícia para vigiar a exposição...

— Dizem que quem faz um pedido à rainha-faraó dentro

da pirâmide e fica sete dias sem dormir tem o desejo atendido por ela...

Foi assim que o dia do “Eu ganhei...” se transformou no dia do “Dizem que...”.

Eu ainda não tinha falado do meu presente de Natal.

Esperava pelo momento.

— Eu ganhei... — tentei.

Mas ninguém prestou atenção.

Acho que nem me ouviam.

Nada mais importava.

Só estavam interessados na rainha-faraó, nas joias, nas múmias, na pirâmide, em tudo aquilo.

— Bom, eu ganhei uma múmia — falei sem pensar.

Aí todos olharam para mim.

— O que você tá dizendo?! — surpreendeu-se Toni.

— Você disse uma múmia? — soltou Aflito.

— Você ganhou uma múmia? — perguntou Marilyn.

Houve um momento de silêncio.

Então dei de ombros.

Não tinha ganhado múmia nenhuma.

Mas era a única maneira de me ouvirem.

— Na real, eu ganhei uma bicicleta.



Quadro de alumínio vermelho.

Câmbio traseiro compatível com oito velocidades.

21 marchas.

Alavancas giratórias.

Garfo rígido.

Freios e raios de alumínio.

Aro 24.

Manoplas de espuma de alta densidade.

A *bike* mais rápida e mais incrível do mundo.

Minha bicicleta.
Finalmente ganhei uma!
Esperei por ela um tempão!
Minha mãe trabalha numa loja de presentes e, como lá
eles não vendem *bikes*, nunca tive uma.
Até este ano.
Todos os meus amigos tinham bicicleta, menos eu.
Mas isso havia mudado.
Eu esperava que eles dissessem “ooooh” e me parabe-
lizassem pela minha nova *bike* vermelha de 21 marchas.
Mas ficaram em silêncio.
— Puxa, que coisa! — exclamou Marilyn.



— Todo mundo já sabe disso, Canela — falou Oito. — Faz dois dias que você está pedalandando nessa bicicleta por aí.

— Tá bom, é verdade — admiti.

— Tenho certeza de que você até já dormiu com ela — provocou Toni.

Naquele momento, o sinal tocou.

Tínhamos que entrar na sala de aula.

Olhei para Helena.

Para quem não sabe, Helena é minha vizinha, joga no time de futebol 7 com a gente... e tem olhos enormes, os mais incríveis de toda a escola.

E no Natal...



Bom, no Natal, aconteceu uma coisa que eu não esperava.

Quando vencemos o torneio de futebol contra o Real Madrid, Helena e eu fomos até os portões dos Quatro Ventos.

E ela escreveu uma coisa na parte de trás de um velho banco de madeira que ficava na frente dos portões.

Foi o seguinte:

“Helena gosta do Canela”.

Quando eu li, não pude acreditar.

O fato é que, depois daquele dia, Helena não falou mais comigo.

Tinha ido viajar com a família e acabava de voltar.

Então aquele era o primeiro dia em que nos encontramos.

Enquanto a gente caminhava para a sala de aula, perguntei:

— Como foram as férias?

— A mesma coisa de sempre — respondeu.

— Ah...

E isso foi tudo o que dissemos.

Nem mais nem menos.

Desde o Natal a gente não se via, não conversava, nem nada, e essa foi a única coisa que ela disse.

Às vezes eu não entendo as meninas.

E Helena é a que eu menos entendo.

Não estou querendo dizer que, por ela ter escrito aquilo no banco, agora a gente tinha que namorar.

Além disso, não quero namorar ela.

Para mim, tanto faz.

Na real, não estou nem aí para namoradas.

As únicas coisas que me interessam são a escola e o futebol.

E minha *bike* nova.

Eu não quero namorar ninguém.

Nem Helena nem outra menina.

Mas eu digo que, se você escreve algo assim num banco, o normal é que depois você converse com a pessoa.

Ela deve saber.

Aquele primeiro dia de aula do ano foi muito esquisito.

E não apenas por causa da Helena.

Ao sair da classe, aconteceu algo que ninguém esperava.

Fomos direto ao campo de futebol para treinar, como sempre.

Mas Estevão, o diretor da escola, esperava por nós.

— Tenho uma péssima notícia.

Foi isso o que ele disse.

Depois, bem sério, acrescentou:

— A pior notícia que já tive que dar a vocês.

4



O Colégio Soto Alto foi construído em 1975.

Naquela época, quase todas as televisões eram em preto e branco.

Os computadores eram do tamanho de um armário.

Não havia internet, nem celular, nem *tablet*, nem nada parecido.

Os únicos *videogames* que existiam eram uns com dois pauzinhos e um ponto branco.

As pessoas usavam calças de boca de sino.

E tinham cabelos meio esquisitos.

Eu sei porque vi fotos dos meus avós.

A seleção de futebol da Espanha nunca venceu.

Nem sequer se classificava para jogar a Copa do Mundo.

Cristiano Ronaldo, Messi, Iniesta e Casillas não haviam nascido.

Acho que nem minha mãe.

E meu pai talvez ainda usasse fraldas.

No começo, o colégio Soto Alto tinha apenas seis turmas e menos de cem alunos.

Não havia campo de futebol, quadras de basquete, nada.

Apenas um campinho de terra com duas traves de madeira.

O primeiro diretor do colégio se chamava Daniel Calçada.

Era o pai do Estevão Calçada, nosso diretor atual.

Daniel Calçada acreditava que o esporte era muito importante para a educação das crianças e se empenhou em construir duas quadras de basquete e um campo de futebol.

Depois de três anos insistindo e aborrecendo todo mundo, ele conseguiu.

Também construiu um auditório.

E um laboratório.

E mais salas de aula.

O colégio cresceu e agora tem 358 alunos.

— A escola passou por muitas coisas... ruins, boas, regulares, péssimas... E o que está acontecendo agora...

Este, pessoal, é o pior momento da história do Soto Alto — lamentou Estevão. — Meu pai enfrentou muitas dificuldades para levar o colégio adiante, mas nunca uma situação como esta.

Estávamos na frente do diretor. Junto ao círculo central do campo de futebol.

Olhando para ele.

Os nove do time.

Camunhas, Toni, Helena, Marilyn, Tomás, Aflito, Oito, Anita e eu.

Os Futebolíssimos.

Temos um pacto secreto e ninguém sabe que a gente se chama assim.

Muito menos Estevão, claro.

Nunca contaríamos isso para ele.

O diretor parecia bem preocupado.

— Em uma situação normal, eu falaria primeiro com o treinador de vocês. Mas, como se não bastasse, agora vocês não têm treinador.

Felipe e Alicia tinham sido nossos treinadores desde a formação do time de futebol 7.

Só que, no Natal, o Atlético de Madrid os contratou.

E eles foram embora.

Estávamos esperando que a escola admitisse um novo treinador.

Pensávamos que, assim que a gente voltasse das férias, eles nos diriam quem era.

Mas até aquele momento continuávamos sem treinador.

A situação do nosso time era a seguinte:

Último lugar na classificação do campeonato.

Nenhuma vitória.

E sem treinador.

O que mais poderia acontecer?

Que má notícia Estevão ia nos dar?

— Vamos ver, vamos ver... — começou ele. — É algo muito ruim, mas, como sempre, as crises significam uma oportunidade...

— Estevão, por favor, você pode nos contar de uma vez? — pedi.

— Está bem. Lá vai.

Então o diretor levantou a mão como se fosse fazer um discurso.

Depois deu um passo para trás.

E, finalmente, disse:

— A direção-geral mandou fazer novos cortes orçamentários. A situação é crítica: não há dinheiro para tecnologias digitais, não há dinheiro para o teatro, não há dinheiro para as atividades extracurriculares... e não há dinheiro nem para o basquete, nem para o futebol, nem para nenhum esporte.

Quando terminou de falar, bateu um vento gelado no campo.

Ninguém se mexeu.

Não nos atrevemos.



— Alguma coisa pode ser feita — falou Tomás. — Sempre resta alguma solução.

Estevão sacudiu a cabeça.

— Quem me dera...

Era a primeira vez que nós víamos o diretor da escola assim.

— Estevão, o que você quer dizer com isso? — perguntou Camunhas.

— Não gastamos nada com o time... — interveio Marilyn, a capitã.

— Sim, vocês gastam — recrutou Estevão. — Os uniformes, as bolas, os deslocamentos, a manutenção do campo, o pagamento dos árbitros... Sim, vocês gastam.

— Estou tendo calafrios — murmurou Aflito.



Nós nos olhamos.

Acho que a gente estava pensando a mesma coisa.

Então eu fiz a pergunta fatídica que ninguém ousava fazer:

— Isso significa que o time vai acabar?

— Ai, estou com vertigem... Ai, ai... — resmungou Aflito.

Estevão não dizia nada.

Mau sinal.

Não era justo.

De fato a gente não estava fazendo uma boa campanha.

Mas tínhamos vencido o torneio de Natal contra os melhores times do país.

E estávamos nos esforçando.

E...

Bom, queríamos continuar jogando.

— Não temos como pagar nem os deslocamentos, nem os árbitros... Não podemos pagar nem as bolas! — exclamou Estevão.

— Então o que vamos fazer? — quis saber Helena.

— É o que estou tentando resolver — respondeu o diretor. — Passei as férias procurando ideias... soluções... e não é fácil... Mas, como dizia meu falecido pai, que descanse em paz: “Estevão, nunca desista”. E é isso o que eu digo a vocês: não desistam.

— Tá certo, isso é muito bom — comentou Marilyn —, mas você não tem alguma ideia assim... um pouco mais concreta?

— Ainda não, pequena Marilyn — disse Estevão —, mas prometo que vou continuar procurando. E quem procura acha.

Estevão se virou e deixou a gente lá no meio do campo de futebol.

Sem saber o que fazer.

Sem treinador.

Sem orçamento.

Sem equipamento.

Enquanto se afastava, o diretor repetia:

— Estevão, não desista.

— Agora ele fala sozinho. Péssimo sinal... — suspirou Aflito.